Um olhar bíblico sobre o momento atual

Teresa Cavalcanti[1]

Um conjunto de escritos sagrados antigos, como é o caso da Bíblia, teria algo a nos dizer sobre o momento atual da humanidade, sacudida por uma crise ambiental e uma epidemia imprevisível? Diante dos conhecimentos científicos sobre a crise atual, a sabedoria dos antigos ficaria reduzida a uma literatura ingênua e ultrapassada? Ou será que podemos lançar sobre as Sagradas Escrituras de judeus e cristãos um olhar de atenção sobre o que nelas há de sabedoria de vida e de experiência histórica, além da fé religiosa?

Sempre podemos aprender algo com quem viveu momentos tão singulares e significativos que resolveu escrever suas memórias a fim de que outras gerações pudessem apreciar aquelas vivências e direcionar seus próprios caminhos. Para muitos de nós, trata-se de textos iluminados pela Sabedoria Divina, e sua mensagem é inspiradora para os rumos da nossa História. Nestas reflexões vamos abordar um texto bíblico que pode trazer um olhar novo - ainda que venha de 2500 anos atrás - sobre os fatos que se desencadearam neste ano de 2020.

2020: um ano surpreendente

No final de 2019 uma vidente previu que o ano de 2020 seria de muito sofrimento porque o número 2020 soma 40, que é símbolo de sacrifício e de provação. Essa previsão não era baseada em uma hipótese científica e parecia apenas um exercício de numerologia, uma curiosidade... Mas lancemos um olhar em perspectiva sobre este ano e o que o antecede.

Em 1968 formou-se um grupo de cientistas e industriais de vários países, preocupados com o esgotamento dos recursos naturais da Terra. Eles fundaram o "**Clube de Roma**" que desenvolveu vários estudos científicos e publicou **em 1972** o livro **Limites do Crescimento**. A preocupação era o provável colapso da vida caso a intervenção no planeta continuasse no mesmo ritmo ao longo das décadas seguintes. Era um primeiro alerta para a questão ecológica.

10.17771/PUCRio.CRE.50211

Vinte anos depois, foi realizada a **Eco-92**: Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, no Rio de Janeiro. Dali partiu o alerta: o desenvolvimento econômico, aliado ao progresso tecnológico, está atingindo os limites da Terra. A intervenção excessiva do ser humano, sem respeitar os ritmos e as condições da natureza, está resultando no aquecimento global e acarretando danos significativos para todas as formas de vida, inclusive a humana.

Em 1997 foi discutido e negociado o **Protocolo de Quioto**, (Japão), pelo qual os países desenvolvidos se comprometiam a reduzir a emissão de gases estufa e assim evitar o aquecimento global. Mas de fato, os países-membro foram adiando a assinatura desse tratado, que apenas em 2005 entrou em vigor.

No decorrer dos anos, tomou-se consciência de que a exploração predatória dos recursos naturais tem duas graves consequências no plano da vida humana: provoca o crescimento das desigualdades sociais e ameaça a vida das próximas gerações. Assim, **em 2015 surge o Acordo de Paris**, onde se usa a noção de "**desenvolvimento sustentável**": uma proposta de **conciliar ecologia, economia e sociedade**. Por esse acordo, 195 países buscavam um desenvolvimento que satisfizesse as necessidades da geração atual sem prejudicar nem os mais pobres nem as gerações futuras. Esse acordo foi assinado pelo Presidente Obama, pois os Estados Unidos são um dos maiores emissores de CO2, mas Trump retirou o país desse acordo. No caso do Brasil, o Congresso o ratificou.

Também **em 2015 o Papa Francisco lança a Encíclica *Laudato si* - sobre o cuidado da Casa Comum**. Esse documento se dirige não só a católicos e cristãos, mas "a cada pessoa que habita neste planeta" (n. 3). O Papa faz um diagnóstico da crise ambiental e propõe uma mudança de comportamento a toda a humanidade, no sentido do respeito à Natureza, considerada Criação divina, que inclui todos os seres vivos, e de modo especial a vida humana. E pontua:

> "Os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e no sofrimento dos

10.17771/PUCRio.CRE.50211

> excluídos. (...) Lanço um apelo urgente para renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta*"* (n.13-14).

Nesta carta, o Papa Francisco relaciona a crise ecológica com o sistema econômico-tecnológico. Ao falar sobre a globalização do paradigma tecnocrático, ele diz: *"*É preciso reconhecer que os produtos da técnica não são neutros, porque criam uma trama que acaba condicionando os estilos de vida e orientam as possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos de poder*"* (n. 107). Com essa preocupação ele propôs um grande encontro internacional de **economistas jovens**, que pudessem criar bases ou imaginar uma nova economia para o mundo: **a Economia de Francisco, inspirada em São Francisco de Assis**. Seria uma economia mais justa, fraterna, sustentável e com um novo protagonismo de quem hoje é excluído. Esse encontro, previsto para março de 2020, teve que ser adiado devido à pandemia.

Agora, **em 2020**, a crise ambiental ganha novos contornos com **o surgimento do corona vírus**. Em entrevista concedida ao *Instituto Humanitas* da UNISINOS, o historiador Luiz Marques faz a ligação entre a pandemia e a degradação ecológica: *"*A pandemia é certamente uma gota a mais nesse copo cheio de diversas crises convergentes, agindo em sinergia no processo em curso de colapso socioambiental"[2]. Marques cita um relatório da *Oxfam*:

> Até o fim do ano, 12.000 pessoas podem morrer de fome por dia por causa da covid-19, potencialmente mais do que da própria doença. A pandemia é a gota d'água para milhões de pessoas que já lutam com os impactos dos conflitos, mudanças climáticas, desigualdade e um sistema alimentar colapsado, que empobreceu milhões de produtores de alimentos e trabalhadores. Enquanto isso, os que estão no topo continuam a lucrar: oito das maiores empresas de alimentos e bebidas pagaram mais de USD 18 bilhões aos acionistas desde janeiro, mesmo quando a pandemia estava se espalhando pelo mundo – dez vezes mais do que a quantia solicitada pela ONU no âmbito da luta contra a covid-19 para impedir que as pessoas passem fome[3].

[2] Pandemia evidencia a emergência de superar o capitalismo e conceber outro socialismo. Entrevista especial com Luiz Marques. João Vitor Santos | 28 Julho 2020. IHU *On LIne*.

[3] ***The Hunger Virus: How Covid-19 is Fuelling Hunger in a Hungry World*** (9/VII/2020).

10.17771/PUCRio.CRE.50211

A correlação entre o modelo de desenvolvimento que tivemos nos dois últimos séculos e a crise ambiental/social fica evidente. Luiz Marques adverte:

> "O capitalismo globalizado é uma doença mortal para a vida no planeta e o crescimento econômico nesse modelo só a agrava". Então a saída seria o socialismo? Não, porque do ponto de vista ambiental, o socialismo foi tão catastrófico quanto o é o capitalismo. A palavra socialismo tem ainda sentido no século XXI se, e somente se, for entendida como ecossocialismo, isto é, como uma sociedade baseada no pressuposto de que a diminuição da degradação ambiental e da desigualdade socioeconômica são duas faces da mesma moeda e pressupõem-se reciprocamente.

Neste diagnóstico Marques chega a propor como solução para o grave momento que vivemos a "**Ecologia Integral"** de que fala Francisco na *Laudato Si.* E onde se inspira o pontífice? Na Bíblia e na Tradição do Cristianismo. Então vamos observar um texto da Sagrada Escritura que nos traz um olhar muito antigo, mas que pode parecer novo neste tempo de desafios. Para isto precisamos antes recordar brevemente o que é a Bíblia.

O que é mesmo a Bíblia?

A palavra "bíblia" vem do grego ***βιβλίον*** que significa "livro"[4] e cujo plural se escreve *βιβλια*. Na realidade, a **Bíblia Hebraica** contém 24 livros que são considerados sagrados pelos judeus. Estes são os livros que compõem o chamado "**Antigo Testamento**". A Bíblia cristã inclui esses livros e mais os do "**Novo Testamento**", que se referem a Jesus Cristo e às primeiras comunidades cristãs e que somam 27 livros. Portanto a Bíblia na verdade é uma biblioteca!

O período em que toda essa literatura foi escrita soma cerca de 1400 anos, pois os primeiros escritos datam de aproximadamente 1200 a. C. e os últimos foram redigidos no segundo século da Era Cristã. Então é complexo falar em Bíblia como uma unidade, pois ela tem enorme variação de autores, de épocas e de contextos históricos e geográficos. Um poeta nordestino descreve em linguagem de cordel essa característica:

A Bíblia não foi escrita
Somente por uma mão
Muita gente tomou parte

[4] Para uma introdução completa sobre a Bíblia veja KONINGS, J. *A Bíblia, sua origem e sua leitura.* Rio de Janeiro, Vozes 2014.

10.17771/PUCRio.CRE.50211

Na sua elaboração
Operário, agricultor,
Rei, profeta e professor
Trabalharam em mutirão

Havia gente letrada
Que bem lia e escrevia
E gente simples do povo
Que nada disso fazia
Mas contava sua história
E guardava na memória
Tudo aquilo que ouvia

Esse caráter variado da Bíblia permite ter acesso a diferentes estilos literários e tipos de mensagens. Para buscar um texto que seja significativo hoje, teremos que fazer um recorte. Então propomos ler um texto que foi escrito numa época de profunda crise.

O primeiro relato da Criação

O primeiro relato da Criação é o texto que abre o livro da Bíblia. Ele começa com as palavras "No princípio*...".* Refere-se à origem do Universo. Mas este não é o primeiro texto bíblico que foi escrito. Antes dele, muitos outros foram redigidos: cânticos, narrativas, leis, profecias... Na realidade, o relato da Criação que propomos aqui deve ter sido escrito durante o período do Exílio na Babilônia, que ocorreu entre 597 e 538 a C. Antes disso, o povo de Israel passou por experiências variadas como o Êxodo, guerras de conquista, organização de diferentes formas de sociedade e regimes políticos. Mas o tempo do Exílio foi talvez o que mais marcou a literatura hebraica. Foram cerca de 50 a 60 anos, quando o reino de Judá foi invadido, a capital Jerusalém e o Templo foram saqueados e incendiados, e grande parte da população foi deportada para a Babilônia. Ali, sacerdotes, juízes, levitas (encarregados dos livros e da liturgia do Templo), escribas e profetas foram reduzidos a escravos numa terra estranha.

O que fez esse "resto de Israel" num período de quase extinção? Como conseguiu recuperar a esperança? Parece curioso, mas esse foi um tempo de **grande atividade literária**, quando foram escritos alguns dos primeiros capítulos que hoje figuram na Bíblia, além de Salmos e textos dos profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel. Houve um grande esforço por **guardar a memória do povo**, suas

10.17771/PUCRio.CRE.50211

tradições, seus costumes. Assim foi possível preservar a sua identidade.

Hoje podemos nos inspirar num texto construído a partir da experiência de perigo e grave ameaça que aquele povo sentiu. Trata-se do **Poema da Criação** (Gênesis 1,1 – 2,4ª), um escrito poético e ao mesmo tempo contestador. Transcrevemos aqui alguns de seus versos[5]:

> ***No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra era um caos vazio, a escuridão cobria até as profundezas e um vento de Deus se agitava sobre a superfície das águas. E Deus disse: "Haja luz!" E houve luz.***
>
> ***E Deus viu que a luz era boa e separou a luz da escuridão. À luz Deus chamou "dia" e à escuridão chamou "noite". Veio o entardecer e veio o amanhecer: foi o primeiro dia.***
>
> ***E Deus disse: "Haja um firmamento no meio das águas, a fim de separar águas e águas!" E Deus fez o firmamento que separou as águas que estão acima do firmamento das águas que estão abaixo do firmamento[6]. E assim foi. E ao firmamento Deus chamou "céu". Veio o entardecer e veio o amanhecer: foi o segundo dia.***

O texto continua dizendo que no 3º. dia Deus criou todas as plantas com suas sementes.

> ***E Deus disse: "Haja luzeiros no firmamento do céu, para separar o dia da noite e para marcar festas, dias e anos. E que sirvam de luzeiros no firmamento do céu para iluminar a terra. E assim foi. Deus fez os dois grandes luzeiros: o luzeiro maior para dominar o dia, o luzeiro menor para dominar a noite, e também as estrelas.***
>
> ***Deus colocou-os no firmamento do céu para iluminar a terra, para governar o dia e a noite, e para separar a luz da escuridão. E Deus viu que era bom. Veio o entardecer e veio o amanhecer; foi o quarto dia.***

No quinto dia Deus cria os seres vivos que habitam as águas e todas as aves.

> ***E Deus disse: "Que a terra faça sair seres vivos por espécies, animais domésticos, bichinhos e feras da terra por espécies". E assim foi.*** (...) ***E Deus viu que era bom.***
>
> ***E Deus disse: "Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança. Que eles dominem os peixes do mar, as***

[5] Seguimos a edição da *Bíblia Pastoral*, São Paulo, Ed. Paulus, 2014. Não transcrevemos o texto integralmente para tornar mais leve sua leitura.

[6] Veja a ilustração ao final deste artigo, para entender a visão de mundo da época em que esse texto foi escrito.

10.17771/PUCRio.CRE.50211

aves do céu, os animais domésticos e toda a terra e também os bichinhos que se remexem sobre a terra".

E Deus criou o ser humano à sua imagem,
À imagem de Deus ele o criou
Macho e fêmea ele os criou.

E Deus os abençoou e disse: "Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra e a submetam. Dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres que se remexem sobre a terra". E Deus disse: "Vejam! Eu lhes dou as ervas que semeiam sementes, ervas que estão sobre a terra inteira e todas as árvores com frutos que semeiam sementes: será alimento para vocês. (...)

E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom. Veio o entardecer e veio o amanhecer: foi o sexto dia.
Foram assim concluídos o céu, a terra e toda a guarnição deles.
No sétimo dia Deus concluiu o trabalho que havia feito, e no sétimo dia descansou de todo o trabalho que tinha feito. Deus abençoou e santificou o sétimo dia. (...)
Essa é a genealogia do céu e da terra quando foram criados.

Para ajudar na interpretação desse texto vamos observar alguns de seus aspectos

Em primeiro lugar, não se trata de um texto científico. Trata-se de uma **narrativa simbólica**, um ensinamento que lança um olhar de sabedoria sobre a realidade como um todo. Para entender a intenção dos autores, devemos observar **o contexto** onde foi escrita essa narrativa e nos perguntar quais eram as condições dos que a escreveram. Também devemos observar seu estilo literário e a mensagem por trás das palavras. Note-se o seguinte:

- Os autores eram exilados submetidos à escravidão numa terra estrangeira que tinha uma outra cultura e outra visão do mundo.
- O estilo do texto é solene, erudito, poético: tem até um refrão: "*Veio o entardecer e veio o amanhecer: foi o primeiro dia (segundo dia, terceiro dia...)"*. De fato, antes do exílio os que escreveram eram governantes, escribas, sacerdotes, cantores do Templo. Pertenciam a uma elite intelectual que foi assim levada a fazer a experiência sofrida dos trabalhadores braçais explorados pelo império babilônico. Nesta situação, eles se puseram a escrever usando todo o seu talento.

10.17771/PUCRio.CRE.50211

- A realidade dura parecia tudo destruir, então a resiliência levou as pessoas a imaginarem que aquele não era o mundo querido pelo Criador. Este seria um mundo de harmonia, de equilíbrio, de beleza e paz.
- Note-se que a cada dia que Deus faz uma obra, temos a frase: ***"E Deus viu que era bom"***. E no sétimo dia, ao descrever a criação do ser humano, o texto diz: ***E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom".*** Então os autores sugerem que toda a Criação tinha essa característica de felicidade e beleza.
- Mas o texto traz também sinais de conflito, de protesto, de contestação: os antes poderosos, agora, de dentro da dor, aprendem a ser profetas. Não era a grande arma dos profetas a Palavra? Pois agora é a Palavra que cria um novo mundo! E reivindica.
- Primeira reivindicação: "exigimos o sábado!" O conjunto do texto culmina no sábado, o 7º dia, quando Deus descansa. As obras da criação são todas alocadas em 6 dias para que no sétimo Deus possa descansar e abençoá-las. Ao fazer isso, os autores da narrativa reivindicam o descanso semanal, conforme constava de suas tradições.
- Acontece que o descanso sabático permitiu aos exilados se reunirem e se organizarem. A pausa (*shabat* em hebraico) nos trabalhos foi oportunidade para ativarem a memória, cantarem Salmos, escreverem novos textos, organizarem a resistência.
- Segunda reivindicação: "abaixo os ídolos!" Na religião da Babilônia, a crença oficial era nos astros, e o santuário central na capital era dedicado ao deus sol. O exército babilônico fazia-se passar por embaixador da divindade celeste e assim se impunha, pelo medo, aos outros povos. Mas para os autores do nosso texto os astros não são deuses, são apenas criaturas com tarefas específicas (iluminar, governar o dia e a noite). Assim enfrentaram o edifício religioso que dava ares sagrados ao império, limpando a poluição ideológica da cabeça do povo e abrindo espaço para suas reivindicações.
- A utopia coroa o texto. Toda a obra da criação converge para a IMAGEM DE DEUS, que é criada no sexto dia. O biblista Milton Schwantes diz: "Imagem não é nem o masculino nem o feminino e muito menos o indivíduo. Reside na relação das diferenças que representam mulher e homem. A mediação da imagem de Deus é,

10.17771/PUCRio.CRE.50211

pois, coletiva"[7]. Homem e mulher representavam naquela época a família, o clã, a gente da roça em suas relações com as plantas, os animais e a natureza. Os humanos foram criados no mesmo dia que os animais que vivem sobre a terra, e isto reflete a irmandade entre eles. Há solidariedade entre pessoas e animais.

- Diante disso, muitos hoje estranham as palavras *"submeter"* e *"dominar"*, usadas para ressaltar o poder do ser humano sobre a terra e os animais (Gn 1,28). É que esses termos faziam parte do vocabulário da corte real de onde provinham os exilados: eram usados para significar o poder da monarquia. Agora – no Exílio - o significado dessas palavras muda, elas passam a significar simplesmente "*administrar"*, e não se impor. Isto fica subentendido no versículo seguinte (Gn 1, 29), onde **Deus dá como alimento ao ser humano somente as ervas, sementes e frutos. Não fala em animais!** Só mais tarde, após o dilúvio, os animais vão aparecer como alimento para os humanos (Gn 9,2-4). Assim, o Papa Francisco, em sua encíclica *Laudato si*, refere-se à missão humana em relação à natureza com o verbo "cuidar", que aliás aparece no segundo relato da Criação, em Gn 2,15.
- Uma última observação: Esta primeira narrativa da criação termina com a frase: "*Essa é a genealogia do céu e da terra quando foram criados".* Ao se referir à criação como uma genealogia, os autores e autoras bíblicos estão se referindo aos sete dias da criação como sete partos, sete nascimentos. Deus aparece como que "parindo" a Criação.

Até aqui só vimos um texto bíblico, do Antigo Testamento. Ele pode servir como uma mostra do caráter de toda a Bíblia: a Criação é obra do amor de Deus. Lancemos um rápido olhar sobre o Novo Testamento.

O Novo Testamento

O conteúdo do Novo Testamento refere-se a Jesus Cristo, enviado por Deus Pai. Narra sua vida e sua mensagem.

[7] *Gênesis 1 – 11. Vida, comunidade e Bíblia.* São Leopoldo, Centro de Estudos Bíblicos, 2007. Nestes comentários ao texto bíblico recorro quase literalmente a Schwantes.

10.17771/PUCRio.CRE.50211

Sua vida: Jesus viveu caminhando pelas estradas e aldeias da sua terra, acolhendo pobres, doentes, loucos e prostitutas, defendendo-os e cuidando deles. Em uma ocasião mostrou que se cada um dividir com outros o que tem, dá-se o milagre da multiplicação dos alimentos (Jo 6,1-15). Denunciou as injustiças e a hipocrisia dos poderosos daquela sociedade, por isso foi condenado e morto como um profeta revolucionário. Após sua morte, seus discípulos e discípulas fizeram a experiência de vê-lo ressuscitado e saíram pregando o Cristianismo.

Sua mensagem: em suas pregações Jesus usou **parábolas** que falavam de sementes, árvores, flores, pássaros, peixes, ovelhas, ventos, fogo, água... Era um homem integrado com a natureza e dela tirava as lições do cotidiano. Por exemplo, Jesus adverte que não devemos nos preocupar tanto com comida, bebida, roupa e dinheiro. Pois os pássaros e os lírios do campo não se matam de trabalhar nem estocam alimentos e no entanto Deus os alimenta e veste muito bem. Se assim acontece com animais e plantas, quanto mais não aconteceria com os seres humanos? (Mt 6,24-34)! Deus, como um Pai, provê aquilo de que necessitamos através da própria natureza. Por outro lado, Jesus alertou: acumular bens quando os mesmos faltam aos outros, isto leva à morte (Lc 16,19-31; Lc 12,13-21).

Neste sentido, a vida e a mensagem de Jesus correspondem à intenção do Criador que estabeleceu um caráter de irmandade entre todos os seres vivos. Irmandade que se torna Imagem de Deus no coletivo amoroso mulher-homem-comunidade.

Concluindo

O poema da Criação foi gestado num momento de crise e ameaça de extinção de um povo que reagiu imaginando o início de todas as coisas: "*No princípio" ...* Como se tudo pudesse recomeçar em novas bases, e todas as coisas estivessem articuladas harmoniosamente entre si. E o mundo inteiro teria sido pensado e criado para desembocar na Imagem do Criador: o ser humano, abençoado por Ele e chamado a ser feliz.

O conteúdo do Novo Testamento mostra que a vida e a mensagem de Jesus correspondem à intenção do Criador. Jesus procurou restaurar em cada pessoa a Imagem de Deus chamada a

10.17771/PUCRio.CRE.50211

ser feliz, convivendo com seus semelhantes em comunidade, no respeito a toda a Criação.

Mas Voltando a 2020: a mensagem da Bíblia, retomada com firmeza pelo Papa Francisco, nos coloca algumas questões. Será que não estamos rompendo a harmonia entre a humanidade e a Criação? Não estamos excedendo os limites de exploração da natureza? Será que nossa sociedade distribui com justiça os bens que deveriam atender a todos? Será que o frenesi de **consumir** e a ganância de **acumular** continuarão a colocar em risco a vida e toda a beleza da Criação? Será que o ser humano se esqueceu de que é chamado a ser imagem de Deus-Amor?

O Papa nos convida a uma "conversão ecológica", que começa com um olhar de "gratidão e gratuidade, ou seja, um reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai, que consequentemente provoca disposições gratuitas de renúncia e gestos generosos" (n. 220). Ele propõe uma "Ecologia Integral" que une os aspectos ambiental, econômico e sócio-cultural, pois assim como é importante preservar a natureza, é fundamental guardar a riqueza das culturas que interagem harmonicamente com os eco-sistemas do planeta.

Inspirando-nos no poema da Criação, como Francisco de Assis, retomemos hoje uma postura de **contemplação** e de **ternura** diante de todos os seres que compõem nosso habitat.

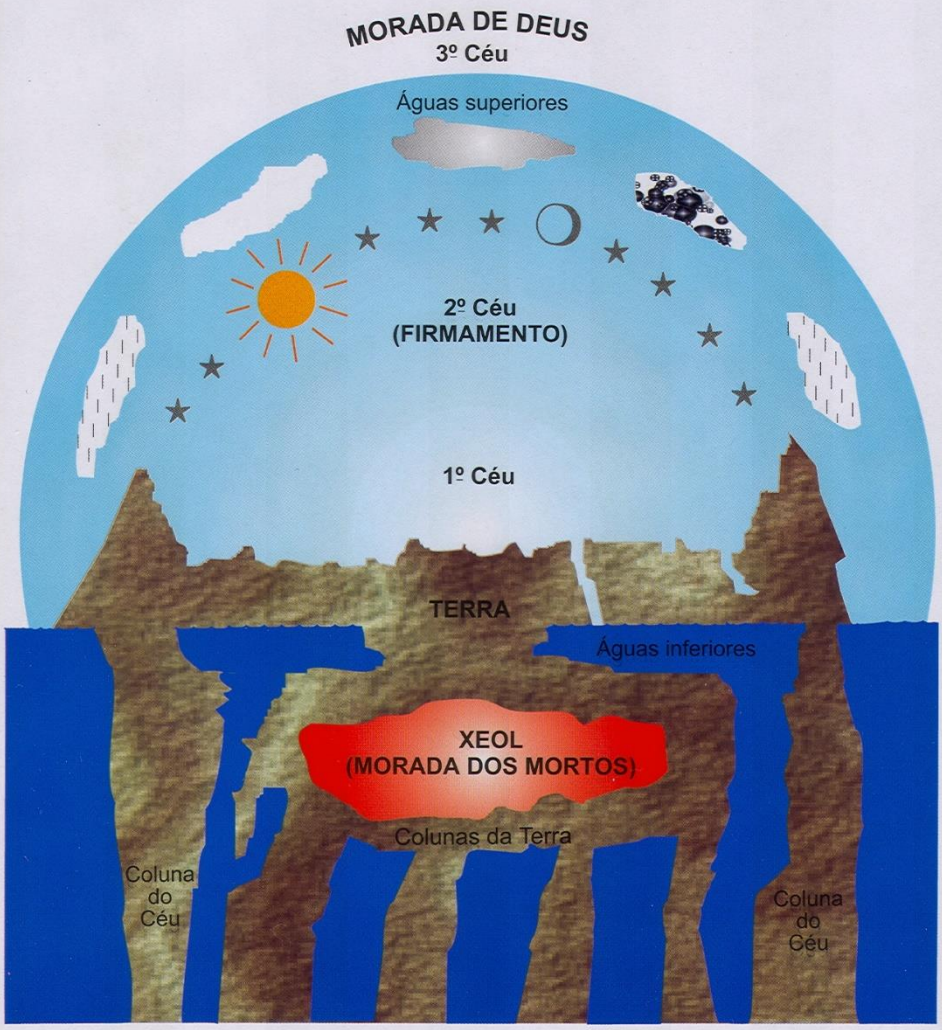
Uma ilustração[8]:

10.17771/PUCRio.CRE.50211

[8] Cf. Mapas e temas bíblicos. Serviço de Animação Bíblica. Ed. Paulinas, São Paulo, 2001.

10.17771/PUCRio.CRE.50211

COSMOVISÃO DO POVO DA BÍBLIA



* Elementos essenciais do Universo: água, ar, fogo e terra

* Níveis do Universo: Firmamento, Terra e Xeol

FONTE: Modificado de LOPES, J. M. *Atlas bíblico geográfico histórico.* Lisboa, Difusora Bíblica, 1984. n. 1, p. 13.

ARTE: José Flávio Morais Castro, 2001.

Visão global 2
Terras bíblicas: encontro de Deus com a humanidade

Serviço de Animação Bíblica - SAB

BÍBLIA EM COMUNIDADE

2

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2001